

UM
JOGO
DE
DEUSES

AUTORA #1 DO NEW YORK TIMES

SCARLETT ST. CLAIR

HADES & PERSÉFONE — LIVRO 6

 Bloom Brasil

SCARLETT ST. CLAIR

**UM
JOGO
DE
DEUSES**

Tradução

MARINA CASTRO

 **Bloom** Brasil

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Mapa do Submundo](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

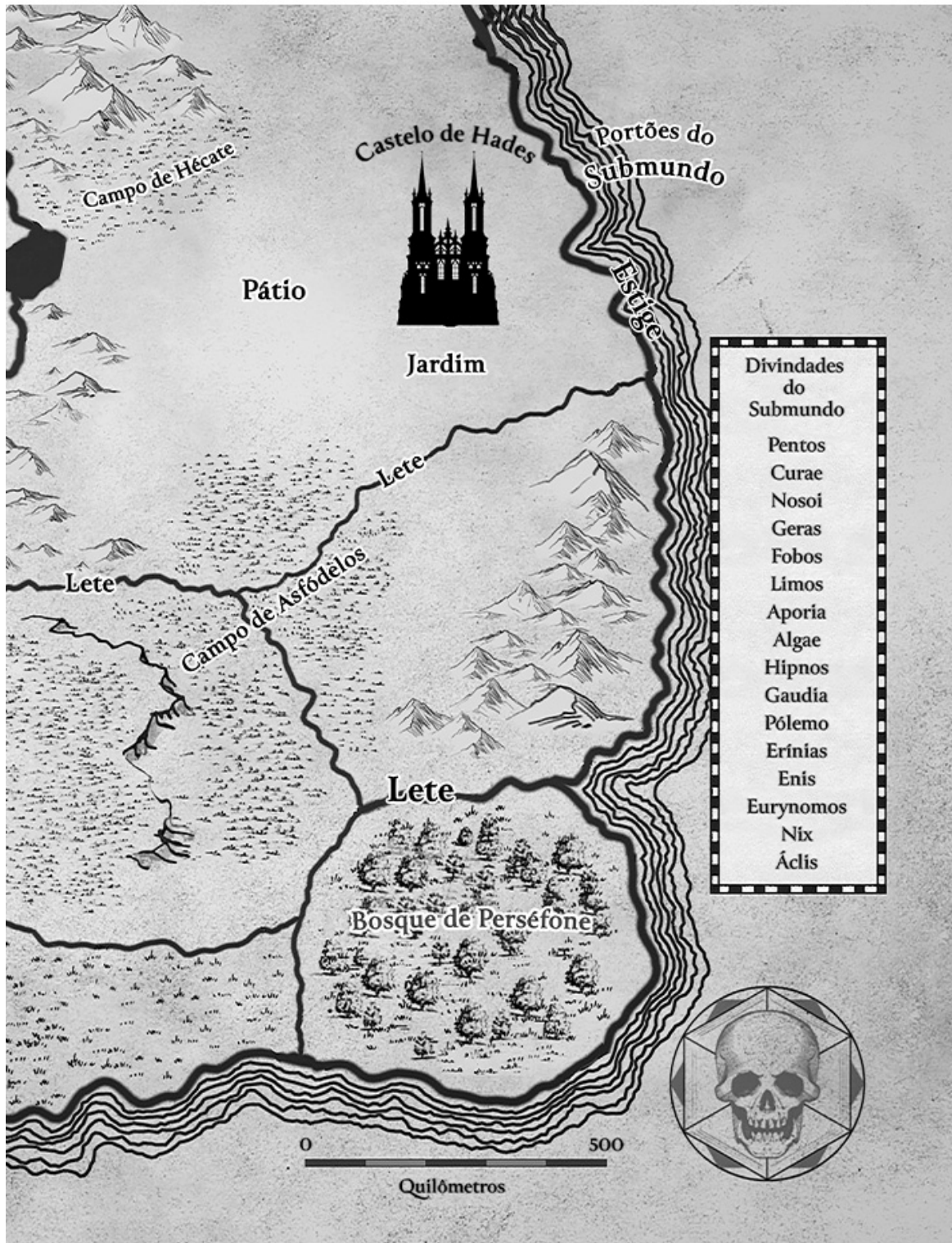
[Capítulo 45](#)

[Nota da autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Mapa da Nova Grécia](#)





*Dedico este livro às pessoas que me leem.
Esta série é uma novela.
Que bom que vocês gostam.*

“Tudo é mais bonito porque estamos condenados.” — Homero

“Nós todos, amantes, sempre tememos.” — Ovídio

“Minha vingança é minha culpa.” — Ovídio

Hades

Hades estava parado a poucos metros de uma casa em chamas.

Tudo que restava era o esqueleto, uma vaga lembrança do que a casa tinha sido um dia, mas as chamas ainda ardiam, enchendo a noite de fumaça e cinzas. Aos pés do deus estava o cadáver de um velho, o fazendeiro que vivia ali, com as costas crivadas de balas. A alma dele vagava por perto, sem saber que havia deixado o corpo físico, executando o que Hades imaginava que fosse a rotina noturna do homem. Isso era uma experiência comum para os mortais que vivenciavam uma morte súbita.

O velho havia sido pego de surpresa.

Não que ele pudesse esperar uma coisa dessas. Seu único erro foi ter visto o ofiotauro, um monstro metade touro, metade serpente, que, segundo a profecia, tinha o poder de matar deuses. Alguém ficara sabendo e fora atrás do velho para obter mais informações, disfarçado de autoridade, e, depois de conseguir o que queria, matou o homem.

Hades sentiu a magia de Tânatos se intensificar quando o deus apareceu ao seu lado, uma pequena sombra que se fundiu à noite. Até seu cabelo e rosto pálidos refletiam as chamas.

Nenhum dos dois falou, não era preciso. Não havia nada a ser feito além de conduzir a alma do fazendeiro para o Submundo. Depois que se estabelecesse no Asfódelos, talvez ele pudesse fornecer informações a respeito de quem o tinha assassinado, mas Hades temia que fosse ser tarde demais. Até lá, haveria mais avistamentos do ofiotauro, e quem quer que estivesse em busca dele continuaria a deixar um rastro de corpos até encontrar o monstro.

— Essas são as mortes que eu mais lamento — disse o Deus da Morte.

— Assassinatos? — perguntou Hades.

— Ele não tinha muito mais tempo nessa terra, e mesmo assim sua vida foi tirada.

Hades não disse nada, mas concordava.

A morte do fazendeiro não era necessária. A única informação útil que ele poderia oferecer era a confirmação de que o ofiotauro estava vivo, mas havia outros jeitos de verificar esse boato, e nenhum deles envolvia matar alguém.

Hades encontraria quem quer que tivesse feito aquilo, e sua punição seria rápida e adequada.

Seu olhar foi do fogo para a alma do fazendeiro, que agora tentava em desespero entrar no celeiro em chamas, provavelmente para chegar aos animais que ficavam ali, mas eles já haviam partido.

— Dê paz a ele — disse Hades.

Àquela altura de sua longa vida, nem sempre ele tinha compaixão pelos mortos, mas, nesses momentos, quando a crueldade dos mortais ficava mais evidente, o fardo de conceder alívio se tornava bastante pesado.

Tânatos assentiu, abrindo as asas para voar em direção à alma.

Hades se afastou, vagando até o vasto prado que ficava além da casa do fazendeiro, longe do brilho do fogo.

Lá em cima, as estrelas cintilavam tanto que criavam sombras, e a dele era a maior na grama coberta de neve. Estava congelando, embora fosse verão; um presente inoportuno de Deméter, a Deusa da Colheita.

Não havia coincidências.

A tempestade havia começado na noite em que Hades oficialmente pedira a mão de Perséfone em casamento e ela aceitara. Era a declaração de guerra de Deméter e a arma que ela usaria para separá-los. Parecia insignificante, só umas gotinhas congeladas, mas era apenas o começo de algo pior que estava por vir.

Pessoas morreriam. Era questão de tempo.

E, quando acontecesse, será que Perséfone lutaria pelo amor deles ou cederia às vontades da mãe para salvar o mundo?

Hades odiava acreditar na segunda possibilidade.

Ele se dava conta de que era uma posição terrível, impossível. Se Deméter realmente amasse a filha, jamais lhe daria aquele ultimato.

Hades ficou refletindo a respeito daquilo enquanto inspecionava o céu, os olhos traçando linhas imaginárias entre as estrelas. Em meio aos esboços que elas criavam, ele viu Ceto, o monstro marinho assassinado por Hércules; Auriga, o herói grego criado por Atena; Áries, o carneiro dourado cuja lã podia curar qualquer coisa viva; e Órion, o caçador que ousou desafiar Gaia. Touro, porém, a constelação colocada no centro delas na ocasião da morte do ofiotauro, durante a Titanomaquia, havia desaparecido.

Era a prova que Hades estivera buscando. O que Elias dissera era verdade: o monstro fora ressuscitado. Não que não tivesse acreditado nele, mas nem sempre boatos eram verdadeiros.

— *Malditas Moiras* — rosnou ele, e tinha razão de amaldiçoá-las.

Láquesis, Cloto e Átropos haviam orquestrado essa ressurreição, embora o deus soubesse que ela só se concretizara porque ele havia matado Briareu, um dos hecatônquiros, os gigantes de cem mãos que ajudaram os olímpianos durante a Titanomaquia. Hera, a Deusa do Casamento, vira uma oportunidade de se vingar do gigante que ajudara Zeus a se soltar das amarras quando ela, Apolo e Atena tentaram derrubá-lo.

— *Uma alma por outra* — disseram as Moiras.

Hades sentiu um aperto no peito ao lembrar como Briareu havia morrido. Não houvera luto, nem súplicas nem raiva, apenas uma aceitação pacífica. Talvez aquela fosse a pior parte, a confiança que o gigante depositara nele, pensando que

havia chegado sua hora, e não que outro deus houvesse ordenado sua morte.

E, mesmo ao pegar a mão de Briareu e extrair sua alma do corpo, como uma fresta de sombra separada da escuridão, Hades já sabia que haveria grandes consequências, indo além até do que as Moiras poderiam tecer, porque, quando Zeus e os irmãos de Briareu, Giges e Coto, descobrissem o que ele tinha feito, o Deus dos Mortos não poderia mais contar com o apoio nem com a lealdade deles. Não que ele acreditasse que algum dos irmãos fosse escolhê-lo em vez de Zeus. Não fora Hades que os resgatara da escuridão do Tártaro. Ainda assim, eles haviam sido aliados dos olímpianos na guerra contra os titãs, ajudando a levar os antigos deuses para as profundezas do Tártaro. Isso significava que, se Hades se opusesse a Zeus, o que com certeza aconteceria, principalmente levando em conta seu noivado com Perséfone, não teria a ajuda dos dois gigantes remanescentes quando a situação chegasse a um ponto crítico, e nem podia culpá-los.

Hades retribuía a lealdade deles com uma execução.

O Deus dos Mortos foi embora, manifestando-se em seu escritório na Nevernight. Assim que apareceu, o silêncio se abateu sobre a sala, espesso e pesado. Ele olhou para todos que estavam reunidos ali: Elias, Zofie, Dionísio e... Hermes.

Hades olhou para o Deus das Travessuras, reclinado em sua cadeira, com os pés apoiados na mesa. Quando seus olhos se encontraram, um sorrisinho envergonhado apareceu no rosto

dourado do deus. Hades fez uma careta, mostrando os dentes, e Hermes se levantou depressa.

— Eu só estava deixando a cadeira quentinha — ele se defendeu.

Hades olhou atravessado para ele e se sentou. De fato, estava quente, o que só o fez encarar o deus com mais intensidade.

— Só o melhor para o Deus dos Mortos — acrescentou Hermes, com um sorriso feliz, indo se sentar na ponta da mesa de obsidiana de Hades.

— Hermes, se *alguma* parte dessa sua bunda encostar um milímetro na mesa, eu vou transformá-la em lava.

— Não é como se eu estivesse *pelado* — argumentou Hermes.

Hades fulminou o deus com o olhar.

— Sabe de uma coisa? O sofá é muito mais confortável mesmo — disse Hermes, aboletando-se no braço do móvel.

Hades voltou a olhar para os que estavam na sala, em particular para Dionísio. Ele estava um pouco afastado, deslocado do grupo — provavelmente por vontade própria. Estava vestido de modo bem mais casual que de costume, com calças escuras e um suéter bege. Suas tranças grossas estavam amarradas, e seus braços, cruzados. Ele parecia frustrado, e, se Hades fosse adivinhar, diria que tinha pouco a ver com o fato de ter sido convocado para a Nevernight e tudo a ver com a detetive mortal que Dionísio estava abrigando em sua boate, Ariadne Alexiou.

Hades estava surpreso que ele tivesse vindo, embora aquilo provavelmente se devesse à sua curiosidade. Dionísio tinha uma relação tensa com os olímpianos, em grande parte por causa do ódio que Hera nutria por ele, que também era a razão de ele finalmente ter escolhido um lado. Mas Hades não era idiota. Sabia que aquilo não significava que Dionísio fosse leal a ele. Só significava que o Deus da Loucura era leal a si mesmo.

— O ofiotauro foi ressuscitado — disse Hades. — A constelação dele não está mais no céu.

Havia certo medo associado a pronunciar aquelas palavras em voz alta que Hades não esperava sentir, mas ele era o responsável pela situação, o que queria dizer que também seria responsável pelas consequências desastrosas caso a criatura fosse parar em mãos erradas.

— Elias — disse Hades, olhando para o sátiro, que estava ao lado de Zofie, o cabelo tão encaracolado quanto os chifres se projetando da cabeça. — Conte o que descobriu a respeito do monstro.

— Até agora, só houve um avistamento. Um fazendeiro nos arredores de Tebas alegou ter ouvido um berro estranho no meio da noite. Ele pensou que uma de suas vacas poderia ter se machucado, e, quando saiu para investigar, encontrou uma criatura metade touro, metade serpente enrolada em torno dela. Quando o bicho o viu, saiu rastejando pela grama. — Elias parou e olhou de relance para todos ali. — A vaca não sobreviveu.

Houve um momento de silêncio quando Hades acrescentou:

— Nem o fazendeiro.

O maxilar de Elias se contraiu.

— Ele estava perfeitamente bem ontem.

— E hoje está morto — disse Hades. — Cravejado de balas.

— Então alguém além da gente quer o monstro — comentou Dionísio. — Não me surpreende, mas quem?

— Essa é a pergunta que não quer calar.

Hades ficou encarando o Deus do Vinho com intensidade, mas não por suspeitar que ele tivesse algo a ver com a morte do fazendeiro. Sabia, entretanto, que Dionísio gostava de colecionar monstros tanto quanto Poseidon. Era uma das razões pelas quais preferia mantê-lo por perto, mesmo com sua nova e frágil aliança.

Dionísio estreitou os olhos.

— Como foi que a criatura acabou sendo ressuscitada, Hades?

O Deus dos Mortos não gostou do tom de acusação, mas Hades não era Dionísio e não fugiria da responsabilidade.

— Porque eu matei um imortal.

A expressão severa de Dionísio suavizou, mas não por compaixão.

Era choque.

— Isso é obra das Moiras — disse Hades.

— Então você nos chamou pra lidar com as consequências das suas ações — disse Dionísio, com a voz cheia de desdém.

— Típico.

— Nem tente bancar o superior, Dionísio — disse Hades.

— Sei como você gosta de monstros.

Hades podia ter tentado se explicar. Sabia que o deus odiava Hera, e a mera menção do envolvimento dela abrandaria o julgamento de Dionísio, mas, na verdade, ele achava que não importava. De qualquer modo, Dionísio queria estar ali e gostaria de ter a posse do ofiotauro, o que significava que procuraria por ele, mesmo se decidisse não ajudar Hades diretamente.

— Se isso é obra das Moiras — disse Zofie —, milorde não pode só perguntar a elas o que teceram?

— As Moiras são deusas assim como eu — explicou Hades. — A chance de elas me contarem seus planos é a mesma de eu revelar os meus.

— Mas são as Moiras. Elas já não sabem quais são?

Hades não respondeu. Às vezes gostava da ingenuidade de Zofie, mas, naquele momento, era frustrante.

Era difícil definir como as Moiras agiam. Boa parte das decisões que tomavam dependia do humor delas, assim como acontecia com a maioria dos deuses. Era possível que só tivessem orquestrado a ressurreição do ofiotauro para foder com ele, mas também era possível que quisessem ver o fim dos olímpianos; Hades não sabia qual dessas opções era a certa nem se elas mesmas já tinham decidido. Só sabia de uma coisa: o destino não podia ser evitado, apenas adiado.

— Qualquer que seja o plano delas, nós também precisamos de um — disse ele.

— Eu não entendo — disse Zofie. — As Moiras já escolheram um fim. Então vamos planejar o quê?

— Vamos planejar vencer — respondeu Hades.

Era só o que podiam fazer, e torcer para que, se as Moiras não tivessem decidido favorecer Hades ou os olimpianos, pudessem ser influenciadas, mas aquilo jamais aconteceria se não tomassem alguma atitude. Ele sabia, melhor do que ninguém, que as três irmãs adoravam ver os deuses caindo em seus joguinhos, principalmente quando envolvia sofrimento.

Depois de um instante de silêncio, Dionísio falou:

— Qual é a profecia que torna esse monstro tão perigoso?

Ele não tinha como saber, uma vez que havia nascido depois da Titanomaquia.

— Quem queimar as entranhas dele ganhará o poder de derrotar os deuses — respondeu Hermes.

— Tem certeza que a profecia é essa? — perguntou Dionísio, erguendo a sobrancelha.

— Talvez derrotar só um deus? — ponderou Hermes em voz alta, depois deu de ombros. — Talvez eu tenha ouvido errado uma palavra ou outra.

— Uma palavra ou outra?

— Foi uns quatro mil anos atrás — disse Hermes, na defensiva. — Tenta você se lembrar de alguma coisa depois de tanto tempo.

— Guardar rancor daquela época não parece assim tão difícil pra você.

— De repente comecei a me arrepender de ajudar Zeus a salvar sua vida — disse Hermes.

Às vezes Hades esquecia que os dois deuses tinham um histórico, por menor que fosse. Hermes ajudara a salvar

Dionísio quando ele nascera, levando-o ao Monte Nisa para ser criado pelas ninfas que viviam ali.

— Talvez fosse melhor pra todo mundo se você não tivesse feito isso — disse Dionísio.

O Deus das Travessuras empalideceu ao ouvir essas palavras, e, antes que um silêncio tenso preenchesse a sala, Hades falou:

— É uma profecia, Hermes. Uma palavra ou outra pode mudar todo o significado da frase.

Hermes ergueu os braços para o céu.

— Bom, eu nunca disse que era um oráculo.

— Então vamos ter que perguntar pra um — disse Hades.

Talvez a profecia tivesse mudado. Talvez não houvesse profecia nenhuma. Assim que pensou nisso, Hades percebeu que era querer demais. As Moiras não trariam a criatura de volta à vida se não quisessem que ela desafiasse os deuses.

— E precisamos encontrar o ofiotauro antes dos outros.

— Contra quem estamos competindo? — perguntou Dionísio.

— Aposto que é o Poseidon e o pirralho dele — disse Hermes. — Aquele filho da puta está sempre atrás de poder.

Hermes tocou num ponto em que Hades também estivera pensando. O ofiotauro podia viver na terra, mas também se dava bem na água. Poseidon aproveitaria qualquer chance de derrubar Zeus, mas Teseu e Hera fariam o mesmo. Hades já sabia que o semideus e a Deusa do Casamento estavam trabalhando juntos, mas suspeitava que o Deus dos Mares

alimentasse o desejo de Teseu de derrubar os olímpianos. Se de fato acreditava que o filho era capaz disso era outra história.

Às vezes, Hades se perguntava quem estava orquestrando o jogo e quem estava apenas jogando, mas de uma coisa tinha certeza: se pudesse tomar a dianteira, ele faria isso.

— Não podemos deixar que ele se refugie no mar — disse Hades.

Nesse caso, o monstro estaria no território de seu irmão, praticamente inalcançável. Mesmo se Hades oferecesse um acordo, Poseidon não abriria mão de tamanha arma.

— Então estamos desperdiçando um tempo precioso conversando enquanto deveríamos estar caçando — comentou Dionísio.

— O problema, Dionísio, é por onde começar — disse Hades, olhando para o deus. — A menos que você saiba alguma coisa que nós não sabemos.

Dionísio não disse nada.

— Precisamos ter cuidado na investigação — disse Elias. — As pessoas já estão comentando no mercado. Está todo mundo esperando que você se envolva.

E tinham razão em fazê-lo, embora Hades soubesse que isso não impediria ninguém. No mundo sórdido do mercado clandestino, poucas pessoas temiam sua ira, e ele não se importava. Era difícil temer a morte quando se esbarrava nela todos os dias. Ainda assim, aquilo significava que ele entraria numa competição para localizar o que provavelmente era uma das armas mais poderosas já criadas contra os deuses.

— Então talvez as minhas ménades devam conduzir a investigação — sugeriu Dionísio.

Hades o ignorou e olhou para Elias.

— Chame o Ptolomeu, mas fique de olho nele. Não confio em ninguém com esse assunto.

— Nem em mim, pelo jeito — comentou Dionísio.

Hades se voltou para o Deus do Vinho.

— Não vamos fingir que você já não mandou suas assassinas ficarem de olho no que está acontecendo. Você não fica esperando permissão, só vai lá e faz.

Dionísio crispou os lábios e desviou o olhar. Hades não sabia dizer se o tinha divertido ou irritado.

— E o que deve ser feito com o monstro quando o encontrarmos? — perguntou Zofie. — Milorde vai matá-lo?

Hades não respondeu porque não tinha resposta para a pergunta. Achava que ia depender do que o oráculo dissesse a respeito dos poderes da criatura, mas duvidava que mais alguém em busca do ofiotauro fosse pensar duas vezes sobre a verdade da profecia.

O monstro tinha um alvo na cabeça e uma contagem regressiva no coração.

— Estão dispensados — disse Hades.

Ele estava pronto para voltar ao Submundo e ficar com Perséfone. Era onde deveria ter passado a noite, enrolado em seu corpo quente depois de fazerem amor. Estava furioso por não ter conseguido. Até na noite de seu noivado ele tinha saído enquanto ela dormia, para buscar informações sobre o ofiotauro e tentar descobrir onde Deméter se escondera.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um jogo de deuses"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).